

RELENDO E REESCREVENDO O PASSADO: UMA LEITURA INTERTEXTUAL DE *LA CHIMERA*, DE SEBASTIANO VASSALLI.

Nathalia de Campos Dalio, Ana Maria Carlos. – Humanas - Letras - Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Sebastiano Vassalli, escritor italiano, nasceu em Gênova, em 1941. Sua carreira artística inicia-se com a publicação de alguns livros em prosa que estavam ligados ao clima de renovação da neovanguarda italiana, bem como do *Gruppo '63*, do qual o autor fez parte. Essa, que foi considerada sua primeira fase, caracterizou-se pelo experimentalismo lingüístico, típico daquela época revolucionária, e por uma prosa carregada que dificultava a leitura e causava grande estranhamento. Nesse período, o autor também participou da criação de revistas literárias, dedicou-se ao ensino e publicou também algumas poesias.

Pode-se observar, então, na década de 80, o início de uma “nova fase” artística de Vassalli; há algum tempo o autor já vinha se interessando por temas diferentes, ocupando-se de personagens e acontecimentos conhecidos e utilizando-os com o objetivo de delinear o caráter nacional dos italianos, buscando compreender suas relações sociais e sua configuração como povo, como nação. Essa preocupação estará presente ao longo de sua carreira, tornando-se seu grande tema, como um fio condutor que liga todas as obras publicadas entre si.

A segunda fase é também considerada como mais madura, na qual Vassalli encontrando-se frustrado a respeito das revoluções socialista e lingüística dos anos precedentes e desiludido com a situação do presente, passa a se dedicar à escrita de romances históricos e autobiográficos, que se configuram como peças do quebra-cabeça do já citado caráter nacional do povo italiano e que buscam no passado explicações ou respostas para a época atual. É também perceptível nas obras de Vassalli seu pessimismo e seu niilismo, além de seu gosto especial por aquilo que é diferente, marginal e excluído, o que vai se refletir na escolha e descrição de seus personagens, tanto as fictícias como as históricas. Desse modo, o autor irá oferecer aos leitores uma nova visão acerca de uma história já conhecida, pois sua principal preocupação é dar vida àquilo que foi esquecido e deixado de lado, como faz em *La chimera* (1990), considerado pela crítica como sua obra prima, seu romance mais importante, que é também nosso objeto de estudo e análise.

Este livro conta a história de Antonia, uma jovem órfã adotada por uma casal de camponeses que viveu em um vilarejo (hoje desaparecido) nas redondezas de Novara, e que por ser bonita demais para seu tempo e sua região foi alvo de comentários maldosos que culminaram na acusação, pelo Santíssimo Tribunal da Inquisição, de praticar bruxaria; ela foi então condenada, com vinte anos de idade, à morrer como herege na fogueira. Concomitantemente, o romance narra a história do bispo Carlo Bascapé, cuja utopia era transformar todos em santos e reedificar a Igreja e, por isso, era detestado por muitos e considerado um louco, indigno de respeito e admiração.

Nesse romance, Vassalli abusa de ironias e sarcasmos, fazendo uma crítica amarga à Igreja enquanto instituição e ao fanatismo ignorante que reinava no século XVII, o mesmo século do *I Promessi Sposi* (1827) de Alessandro Manzoni (1785 -1873). A escolha do mesmo período histórico é uma das razões pela qual se costuma relacionar *La chimera* ao clássico italiano escrito por Manzoni; as semelhanças, porém, não vão muito longe. Pode-se dizer, em termos metafóricos, que o livro de Vassalli é o “gêmeo ruim” do livro de Manzoni, pois enquanto este enfatiza a fé na Providência e na justiça divinas, aquele demonstra que a esperança no socorro divino é vã, é uma ilusão, uma quimera.

Em termos de gênero literário, *La chimera* é considerado pela crítica um romance histórico contemporâneo, inserindo-se, então, no que se convencionou chamar pós-modernidade. Esse movimento é ainda bastante contraditório, o que torna difícil traçar com clareza seu panorama, sendo possível apontar somente seus aspectos mais característicos e relevantes. Segundo Franco Marchese (1997), quatro desses aspectos são o pós-estruturalismo, a crise dos fundamentos, o chamado “pensamento fraco”, difundido principalmente na Itália, e a crítica às vanguardas. Já Linda Hutcheon (1991) aponta como principais características do pós-modernismo a intertextualidade paródica e a mistura artística entre erudito e popular.

A estudiosa italiana Margherita Ganeri (1998) enfatiza a problemática da periodização do fenômeno, cujo início, segundo a tese mais aceita, liga-se à revolução informática (entre as décadas de 50 e 60) que acelerou o processo de transmissão de informações acarretando o distanciamento dos

seres humanos entre si e destes como o passado, tanto literário quanto histórico. Uma das formas de recuperar esse passado será oferecida, então, pelo romance histórico que, através da intertextualidade, irá recuperar a tradição; isso não será feito, porém, de forma pacífica e não-contraditória, pois uma das grandes questões levantadas pelo pós-modernismo diz respeito à impossibilidade de se conhecer o passado, senão através de seus textos, como afirma Linda Hutcheon. Desse modo, o que se procura fazer é reescrever o passado, afirmando sim a relação inerente com a tradição, mas contestando-a e inserindo as novas formas, idéias e temas do presente; além disso, as narrativas históricas pós-modernas apresentam uma crítica à história narrada e procuram fazer uma ligação entre esta e o presente, com o objetivo de auxiliar a compreensão do mesmo.

Outra grande contestação pós-moderna diz respeito à separação existente entre Literatura e História, disciplinas que passam a ser encaradas mediante as características que partilham, e não aquelas que as distanciam; os limites entre ambas são profundamente problematizados, bem como qualquer conhecimento canonizado que se julgava ter anteriormente. Pode-se perceber, então, que o pós-modernismo, além de problematizar o conhecimento que se têm do passado, problematiza também o conhecimento que se julga ter do presente. Isso acarretará a necessidade da inclusão de todas as formas expressivas possíveis dentro da arte, abrindo, portanto, um espaço para os chamados “ex-cêntricos”: mulheres, homossexuais e negros, cuja contribuição atuará no sentido de abranger a diversidade cultural, proporcionando uma melhor visão acerca da realidade.

Um gênero literário que foi amplamente re-utilizado no pós-modernismo, é o romance histórico, agora chamado de novo romance histórico, ou ainda romance histórico contemporâneo. Esse gênero se caracteriza por procurar reescrever o passado a partir das concepções e da ideologia do presente, diferenciando-se, desse modo, do romance histórico tradicional, cuja característica principal era utilizar a História oficial como pano de fundo para narrar acontecimentos fictícios. O romance histórico, de modo geral, tem como principal característica a coexistência de elementos históricos, comprovados por documentos, e elementos ficcionais, criados pelo autor. Tal gênero, por sua própria constituição híbrida, irá sofrer as mesmas crises por que passaram a história e a literatura, razão pela qual sofre essa subdivisão entre tradicional e contemporâneo. A publicação que marcou o nascimento do romance histórico tradicional foi *Ivanhoé* (1819), de Walter Scott; tal obra irá ditar as regras e demarcar o campo de ação das futuras publicações do gênero, dentre as quais *I Promessi Sposi*, de Manzoni.

Nessas obras, personagens e acontecimentos históricos aparecem lado a lado com personagens e acontecimentos inventados, que devem ser, porém, baseados na regra da verossimilhança, ou seja, não existiram de fato, mas poderiam ter existido. O autor situa-se fora da história narrada, oferecendo, ao mesmo tempo, uma visão geral e particular dos acontecimentos, diluindo as fronteiras entre o que é literário e o que histórico, estabelecendo um diálogo com o leitor, aproximando-se assim dele. O objetivo principal das publicações do século XIX foi o de dar voz aos cidadãos “menores”, àqueles que haviam sido desprezados e ignorados pela História oficial até então; e, durante os anos em que a Itália esteve sob domínio estrangeiro, os romances exerceram importante papel político como meio de difusão de ideais patrióticos, visando a educação do povo e a criação de uma nação.

Já com o romance histórico contemporâneo, cujas raízes se confundem com o advento da pós-modernidade, precisamente pela relação problemática que este movimento mantém com o passado, o que se busca fazer é construir “uma ‘outra’ história em relação àquela já consolidada, partindo da idéia de que a própria história é uma invenção”, como afirma Ermanno Paccagnini (1995, p. 103); essa “outra” história irá se basear, sobretudo, no presente, refletindo sobre ele e questionando-o, buscando analisar, a partir das imagens conhecidas do passado, os acontecimentos, as relações sociais e as convenções do momento atual. A principal característica desse novo gênero é reescrever a história canonizada, de maneira intertextual e crítica, apontando as lacunas e falhas desta, sem, porém, negar sua legitimidade, “dando voz a tudo o que foi negado, silenciado ou perseguido pela história” (ESTEVES, 1998, p. 133), com o objetivo de, ao contar uma história passada, investigar ali as causas da situação problemática do presente. O termo metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, auxilia a compreensão do modo como o “novo” romance histórico irá enfatizar a relatividade da transposição que opera entre passado e presente, bem como a relação de interdependência que se estabelece entre ambos, em termos de conhecimento, conhecimento este que também será colocado à prova, a todo o momento, por ser intimamente subordinado à escrita.

O conceito de intertextualidade, já citado anteriormente, é discutido primeiramente por Mikhail Bakhtin, quando este afirma a incidência e co-existência de diversas vozes de outros autores dentro de um texto, que criam um diálogo universal e atemporal; a metaficção historiográfica, segundo Hutcheon, partilha essa idéia, bem como a teoria pós-moderna, confrontando abertamente as noções humanistas de originalidade e liberdade do autor e de sua obra, a partir da afirmação de que nenhum indivíduo poderia considerar-se criador único de sua obra, pois estava imerso em um espaço dialógico, inserindo em seu discurso os discursos de vários autores que o haviam precedido.

Posteriormente, Julia Kristeva, teórica que criou o termo “intertextualidade” através da leitura dos estudos de Bakhtin, afirma que “todo texto é um mosaico de textos” (1974, p. 64), observando o processo intertextual como a fonte de toda e qualquer escrita, e o motor que recicla a cultura, a partir da constante releitura e renovação de seus textos escritos. Diferentemente de Bakhtin, a autora nega que a intertextualidade possa estar presente nos discursos orais, privilegiando a literatura como único espaço possível para o diálogo intertextual.

O autor Gerard Genette apresenta cinco tipos de relações existentes em um texto, a partir do conceito de transtextualidade, entre as quais a intertextualidade, que é conceituada a partir dos estudos de Kristeva “como uma relação de co-presença entre dois ou mais textos” (1997, p. 4); além desta, um texto pode apresentar a paratextualidade, ou a relação que mantém com seus próprios elementos constitutivos, tais como título, nota de rodapé, prefácio, etc.; a metatextualidade, ou o comentário alusivo que um texto tece em relação a outro, sem, porém, citá-lo explicitamente; a hipertextualidade, definida como a relação mantida entre um hipertexto e seu hipotexto, anterior a ele; tal relação pode ser exemplificada pelas obras *La chimera*, que seria o hipertexto, e *I Promessi Sposi*, que seria o hipotexto, no qual o primeiro romance se reflete; e, por fim, a arquitextualidade, que implica o conceito de arquitexto, um conjunto de categorias pré-estabelecidas, ao qual pertencem todos os inúmeros textos escritos.

Finalmente, relacionando intertextualidade e pós-modernidade, a teoria de Linda Hutcheon afirma que os autores pós-modernos utilizam a intertextualidade, ao lado da paródia, com objetivos fortemente ideológicos, e como forma de incorporar o passado no presente, observando que a tradição literária não pode ser negada ou deixada de lado, mas deve ser adaptada aos dias de hoje, sendo necessário ser reescrita, de forma crítica. A partir dessas colocações, pode-se considerar que Vassalli reescreveu o clássico de Manzoni porque ele compartilha o mesmo ponto de partida, mas segue por uma estrada contrária, totalmente diferente, tecendo um comentário profundamente crítico à sociedade italiana atual. É importante salientar que a relação intertextual entre dois textos somente será válida, como afirma Hutcheon, a partir do leitor, que será responsável, primeiro, por perceber as ligações entre os diversos textos com os quais tiver contato, e segundo, por perceber as modificações que foram realizadas; tal processo, como já havia assinalado Kristeva, será responsável pela renovação e atualização dos códigos literários e culturais, principalmente através da paródia, que irá, ao mesmo tempo, contraditoriamente, reforçar e assegurar a continuidade da tradição.

Referências bibliográficas:

- ESTEVES, Antonio R. O novo romance histórico brasileiro. In.: *Estudos de literatura e lingüística*/Letizia Zini Antunes (org.). São Paulo: Arte & Ciência; Assis, SP: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998.
- GANERI, M. *Postmodernismo*. Milano: Editrice Bibliografica, 1998.
- GENETTE, G. Cinque tipi di transtestualità, fra cui l'ipertestualità. In: _____ *Palinsesti: la letteratura al secondo grado*. Trad. Raffaella Novità. Torino: Einaudi, 1997.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MARCHESE, F. *Lezioni sul postmoderno: architettura, pittura, letteratura*. Palermo: G.B. Palumbo & C. Editore, 1997.
- PACCAGNINI, E. La fortuna del romanzo storico. In: VANVOLSEM, S.; MUSARRA, F.; VAN DEN BOSSCHE, B. (cur.) *I tempi del rinnovamento: Atti del Convegno Internazionale “Rinnovamento del codice narrativo in Italia dal 1945 al 1992”*. Roma: Bulzoni, 1995.